

# ESTUDO DAS UNIDADES SEMIFRASEOLÓGICAS EM TEXTOS AUTÊNTICOS DO FRANCÊS: AS COLOCAÇÕES

---

STUDY OF SEMIFRASEOLOGICAL UNITS IN AUTHENTIC  
TEXTS OF FRENCH:  
THE COLLOCATIONS

Angelo de Souza Sampaio<sup>1</sup>  
*Universidade Federal da Bahia*

Silvana Soares Costa Ribeiro<sup>2</sup>  
*Universidade Federal da Bahia*

**Resumo:** Este artigo trata da importância dos estudos fraseológicos para a aquisição de uma língua estrangeira, destacando o aprendizado das sequências semifraseológicas do francês por aprendizes brasileiros. Está pautado, portanto, nos estudos do Léxico, dando ênfase à Fraseologia (POTTIER, 1974; MEJRI, 2012; TAGNIN, 2013; GONZÁLEZ-REY, 2015). O *corpus* é constituído por unidades fraseológicas encontrados no livro de contos infanto-juvenis *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960), frequentemente recomendado como leitura paradidática nas aulas de Francês Língua Estrangeira (FLE). São apresentados os primeiros resultados da pesquisa, trazendo análises referentes às colocações. Entre outros resultados alcançados, observou-se que esse tipo de unidade lexical nem sempre encontra equivalência fraseológica direta entre o francês e o português, aumentando a complexidade da leitura de textos autênticos.

Palavras-Chave: Fraseologia; Equivalência Fraseológica; Colocações; *Le Petit Nicolas*.

---

<sup>1</sup> angelo.sampaio@ufba.br

<sup>2</sup> silvanar@ufba.br

---

**Abstract:** *This article deals of the importance of phraseological studies for the acquisition of a foreign language, highlighting the learning of French semi phraseological sequences by Brazilian students. It is based, therefore, on the studies of the Lexicon, emphasizing Phraseology (POTTIER, 1974; MEJRI, 2012; TAGNIN, 2013; GONZÁLEZ-REY, 2015). The corpus is made up of phraseological units in the children's short-story book *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960), often recommended as a paradigmatic reading in French as a Foreign Language (FFL) class. The first results of the research are presented, bringing analyzes regarding the collocations. Among other results achieved, it was observed that this type of lexical unit does not always find direct phraseological equivalence between French and Portuguese, increasing the complexity of reading authentic texts.*

Keywords: *Phraseology; Phraseological equivalence; Collocation; Le Petit Nicolas.*

## PRA INÍCIO DE CONVERSA: PRIMEIRAS PALAVRAS

A série francesa de contos infanto-juvenis *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960-1964), é tida como um clássico da literatura infanto-juvenil francesa (CHATENET et al., 2003, p. 1025) e, por essa razão, são frequentemente recomendados como leitura paradidática em aulas de francês, seja como língua materna, seja como língua estrangeira (CAPELLE; MENAND. 2009; CHATENET, 2019).

Pela nossa experiência profissional, percebemos que tal recomendação de leitura, transparece ou revela, muitas vezes, que alunos brasileiros de francês como língua estrangeira (FLE) têm dificuldades de compreensão das Unidades Fraseológicas (UFs) presentes na série *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960-1964). Nossa pesquisa abarca a análise de várias UFs. Porém, para esta publicação, serão apresentados os resultados referentes ao estudo das colocações. Como produto final da pesquisa, objetivamos apresentar um dicionário, o qual deverá ser em formato híbrido, isto é, bilíngue e monolíngue, com explicações, traduções e correspondentes em português brasileiro das UFs mais frequentes na coletânea francesa, de modo a servir de guia de leitura que facilite a interpretação e compreensão dos contos por leitores brasileiros.

---

O termo *fraseologia* refere-se tanto ao ramo da linguística responsável pelo estudo das expressões fixas presentes no léxico das línguas naturais, isto é, as unidades léxicas complexas, compostas e textuais (POTTIER, 1974, p. 266-268), como também o próprio conjunto de tais unidades. Em termos técnicos, usava-se a mesma denominação, sem distinção de *F* ou *f*, para ambas acepções do termos. Contudo, a prática atual entre os estudiosos em Fraseologia é distinguir, sendo Fraseologia, com *F* maiúsculo, em referência à disciplina científica e fraseologia, com *f* minúsculo, para designar o objeto de estudo da Fraseologia (MONTEIRO-PLANTIN, 2014).

Logo, entende-se por UF um conjunto amplo de signos linguísticos polilexicais que possuem certo grau de fixação sintática, semântica e/ou pragmática; certo grau de idiomaticidade; alta frequência de uso e que sejam passíveis de desfixação lexical (SAMPAIO; RIBEIRO, 2019).

Mejri (2012) ao definir fraseologia como sendo “o conjunto das solidariedades lexicais que se realizam no discurso<sup>3</sup>” classifica os diversos tipos de UFs em três grandes eixos, apresentados a seguir, com base no grau de soldadura existente entre as lexias que compõem a UF.

- (1)<sup>4</sup>
- a Sequências fixas: aquelas que são completamente fixas na língua e fazem, como tal, parte das unidades pré-construídas, ou seja, aquelas que pertencem ao léxico, quer seja geral quer seja especializado;
  - b Sequências semifraseológicas ou semifixas: aquelas que revelam associações consideradas "naturais" porque se enquadram em uma competência discursiva que preside à

---

<sup>3</sup> No original: *Nous entendons par phraséologie l'ensemble des solidarités lexical qui se réalise dans le discours.*

<sup>4</sup> No original: *[a] celles qui sont complètement fixées dans la langue ils font, à ce titre, partie des unités pré-construites, c'est-à-dire celles qui appartiennent au lexique qu'il soit général ou spécialisé ; [b] celles qui relèvent des associations jugées « naturelles » parce qu'elles relèvent d'une compétence discursive qui préside au choix de l'élément lexical approprié à employer avec d'autres éléments lexicaux ; [c] celles qui sont des simples potentialités.*

- 
- escolha do elemento lexical apropriado a ser empregado com outros elementos lexicais;
- c Sequências virtuais: aquelas que são simples potencialidades.  
(MEJRI (2012, p. 21, tradução nossa))

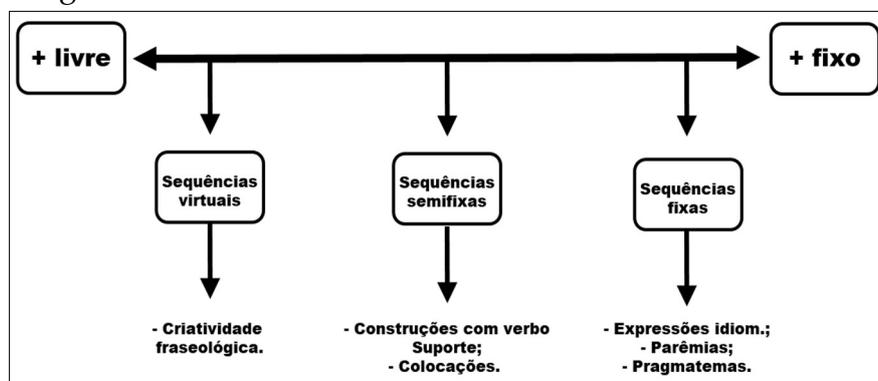
O conceito de solidariedade trazido por Mejri (2012) está ligado diretamente à noção de interdependência entre os significados das lexias que compõem a UF. Observa-se que tal noção não se caracteriza necessariamente em composicionalidade semântica, quando a somatória dos significados de cada lexia resulta no significado da frase, mas sim, ao contrário, na ideia de não composicionalidade semântica. Isto é, as UFs são compreendidas por blocos lexicais, visto que o seu significado é obtido da totalidade da expressão.

As sentenças *João está com dor de cabeça* e *João está com dor de cotovelo* exemplificam a questão: na primeira, o significado é obtido pela somatória dos sentidos de cada lexia para expressar que João não se encontra bem e que sente dor em uma parte específica do corpo. Por outro lado, na segunda sentença, as lexias *dor, de* e *cotovelo* são solidárias entre si, uma vez que, juntas, expressam um único sentido: ciúmes.

Diante disso, a classificação proposta por Mejri (2012) pode ser resumida a partir do esquema exposto na Figura 1 a seguir. Observa-se que as UFs podem se deslocar em um contínuo horizontal que marca o grau de soldadura, isto é, de fixação, entre as lexias que os compõem: se mais livre ou se mais fixo. Dessa forma, podemos considerar que as UFs que apresentam maior grau de fixação são as expressões idiomáticas, as parêmiat e os pragmatemas. Por outro lado, aquelas que possuem menor grau de fixação são as sequências virtuais, as quais “revelam uma criatividade fraseológica específica de um autor ou rotinas

discursivas compartilhadas por determinadas comunidades<sup>5</sup> (MEJRI, 2012, p. 21, tradução nossa).

Figura 1: Grau de soldadura entre os constituintes das UFs



Fonte: elaborado pelos autores com base em Mejri (2012).

Uma sequência virtual é vista como uma UF em potencial porque, caso seja absorvida pela comunidade linguística e amplamente difundida entre os falantes da língua, poderá ser cristalizada e vir a ser uma UF, independentemente do grau de fixação. Tal situação se pode caracterizar pelos exemplos *use camisinha* (campanhas relacionadas à prevenção da AIDS, década de 80 do século XX), UF já consolidada, *versus* a sequência virtual *use máscara* (campanhas relacionadas à prevenção da COVID-19, 2ª década do século XXI), que está em via de consolidação. Este também é o caso dos jargões de determinados personagens fictícios (séries, filmes, novelas, livros), assim como dos memes da internet (GAUTIER; SIOUFFI, 2016).

Em nível intermediário ao contínuo, encontram-se as construções com verbo suporte e as colocações, o que atribui a tais UFs o *status* de unidades semifraseológicas. Neste artigo, nosso olhar está voltado para essa categoria<sup>6</sup>, em

<sup>5</sup> No original: *révélatrice soit d'une créativité phraséologique propre à un auteur, soit des routines discursives partagées par certaines communautés.*

<sup>6</sup> Para um estudo mais aprofundado dos demais tipos de UFs, indicamos González-Rey (2015) ou Soutet, Mejri e Sfar (2018), que apresentam um tratamento completo e recente do tema.

---

especial as colocações<sup>7</sup>, depreendidas a partir da leitura do primeiro volume da coletânea que é o *corpus* da nossa pesquisa.

## 1 O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO: OS FAZERES METODOLÓGICOS

Em tempos atuais, existem instrumentos computacionais que visam a construção de bancos de textos que permitem a elaboração de consultas e a detecção da coocorrência e recorrência de UFs de uma determinada língua. Trata-se da Linguística de *Corpus* (TAGNIN, 2013, p. 29). Tal ramo da Linguística faz uso de ferramentas *on-line*, a exemplo do concordanciador, para verificação, por meio da busca de palavras-chave, da convencionalidade de estruturas léxicas e sintáticas que permeiam a lexia em busca. Essas ferramentas apresentam resultados quantitativos que possibilitam ao pesquisador averiguar os padrões de uso, em contexto, de tais estruturas.

Contudo, considerando que nossa pesquisa está baseada em textos autênticos específicos e que, no início da pesquisa, não foram cogitados os recursos disponíveis pela Linguística de *Corpus* para a realização da coleta de dados, que o levantamento já havia sido iniciado quando tomamos conhecimento dessas possibilidades, optamos por fazer um levantamento de dados em estilo tradicional, isto é, através da efetiva leitura dos contos e da identificação e catalogação manual dos dados fraseológicos ali presentes. Entretanto, tal decisão foi bastante oportuna, visto que a leitura efetiva trouxe vantagens para o desenvolvimento da pesquisa, em especial a possibilidade de termos uma percepção completa do estilo de narrativa do autor e de verificar a possibilidade de haver expressões idiossincráticas presentes no texto.

---

<sup>7</sup> A definição de colocação virá mais adiante.

Foi aplicado como recorte metodológico para este artigo a análise dos sintagmas nominais do primeiro livro da série, intitulado *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960) e que dá nome à coletânea. Para este trabalho, utilizamos a edição da coleção Folio, vinculada à Editora Denoël, que tem por ISBN o número 2-07-036423-2. Esse volume é composto por dezenove contos. Nele, computamos um total de 1258 ocorrências de 431 UFs distintas.

Durante o processo de leitura dos contos estabelecemos os seguintes critérios de tabulação das UFs coletadas: a) categoria gramatical (se sintagma nominal ou se verbal); b) tipo de UFs. Até este ponto da pesquisa, buscamos enquadrar as UFs em basicamente cinco categorias: colocações, expressões idiomáticas, parêmiás, pragmatemas e outros. Reservamos o rótulo *outros* para casos em que tivéssemos dificuldades de determinar o tipo da UF; c) localização da UF no conto; d) estrutura interna; e) tradução literal e f) tradução equivalente.

## 2 PEGANDO NO BATENTE: ANÁLISE DOS DADOS

No que se refere ao primeiro item classificatório a ser observado, o Gráfico 1 apresenta os resultados alcançados.

Gráfico 1: Categoria gramatical das UFs em *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960)

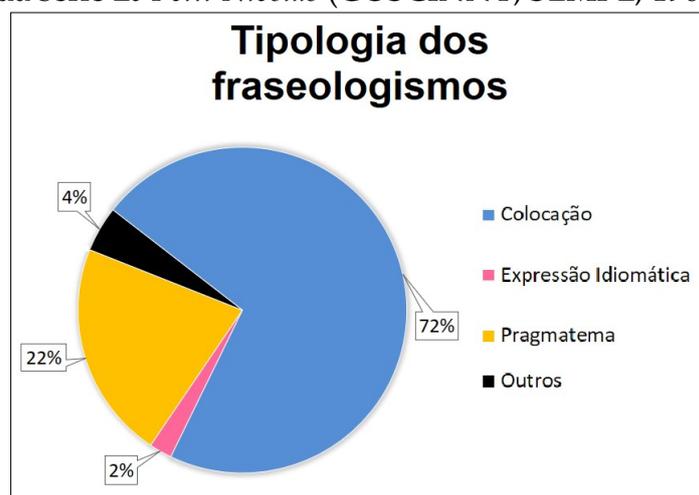


Fonte: elaborado pelos autores.

Como exposto no Gráfico 1, das 431 ocorrências totais de UFs encontradas ao longo da leitura do livro em análise, 52%, isto é, 222 UFs distintas, são elaboradas a partir de sintagmas nominais, ao passo que 48%, o que corresponde a um total de 209 UFs distintas, são constituídas por sintagmas verbais. De modo a melhor otimizar o tempo das análises que aqui pretendemos expor, foi aplicado um recorte metodológico aos sintagmas nominais.

A classificação da tipologia das UFs compostas por sintagmas nominais está retratada no Gráfico 2.

Gráfico 2: Tipologia das UFs compostas por sintagmas nominais do volume 1 da série *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960)



Fonte: elaborado pelos autores.

Como se vê, das 222 UFs construídas a partir de sintagmas nominais, observamos que 72% (158 formas diferentes que se repetem em um total de 425 vezes) são de colocações. Essa é, portanto, a categoria com maior frequência. Em segundo lugar, encontram-se os pragmatemas totalizando 22% dos dados (49 UFs distintas e 197 repetições). Em terceira posição estão as UFs classificadas como *outros*. Tal rótulo perfaz um total de 4% dos dados (10 entidades léxicas diferentes, com 50 repetições). Foram etiquetadas nessa categoria unidades lexicais que nos pareciam fraseológicas, mas que não conseguimos classificar de

---

imediatos. Em última posição, encontram-se as expressões idiomáticas, com 2% dos dados (5 expressões que ocorrem com uma frequência de 7 vezes ao todo). Quanto às parênticas, não foi documentada nenhuma realização no grupo dos sintagmas nominais.

Considerando o recorte dado para este trabalho, faremos a seguir a análise das colocações.

## 2.1 *Um olhar mais apurado: análise das colocações*

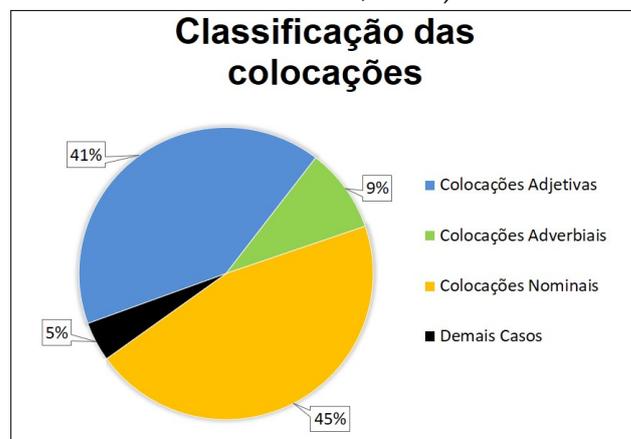
Nos estudos em Fraseologia, uma colocação é definida como sendo

[...] um sintagma *AB* (ou *BA*) tal que, para constituí-lo, o locutor seleciona *A* livremente de acordo com seu sentido 'A', ao passo que ele seleciona *B* para exprimir junto de *A* um sentido 's' em função de restrições impostas por *A*. Uma colocação é, portanto, um **sintagma semifraseológico**. (POLGUÈRE, 2018, p. 65, grifos do autor).

Seguindo tal definição, o elemento *A* corresponde à base, enquanto que o elemento *B* equivale ao colocado. Base e colocado formam, juntos, a colocação. Denomina-se de base da colocação o elemento que controla o sintagma em questão. Os colocados são, portanto, selecionados pelo locutor a partir das restrições sintáticas e semânticas da base. As colocações têm graus de fixação menos restritos que os outros tipos de fraseologismos porque, salvo algumas exceções, seu sentido é obtido a partir do resultado da somatória dos significados da base e do colocado.

São quatro as formas mais frequentes das colocações, de acordo com o papel sintático que desempenham dentro da sentença (TAGNIN, 2013, p. 63-73): a) colocações adjetivas; b) colocações nominais; c) colocações verbais e d) colocações adverbiais. Assim, as colocações aqui em análise se apresentaram da seguinte forma:

Gráfico 3: Tipos de colocações em *Le Petit Nicolas* – Volume 1 (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960)



Fonte: elaborado pelos autores.

O Gráfico 3 exhibe a classificação dos tipos de colocações. Evidentemente, dos tipos elencados pela autora, não há nenhum registro de colocação verbal, já que nesta publicação tratamos apenas dos sintagmas nominais. Com maior número de ocorrências figuram as colocações nominais, com 45% dos fraseologismos catalogados, sendo 71 fraseologismos distintos e 208 repetições. Em segundo plano, encontram-se as colocações adjetivas com 41%, sendo 66 fraseologismos diferentes e 158 repetições. Com 9% dos dados, em terceira posição, estão as colocações adverbiais, com 14 fraseologismos diferenciados e 23 repetições. Por fim, em última posição, com 5% dos resultados, estão as colocações classificadas com o rótulo *demais casos*, as quais apresentam um total de 7 entidades léxicas diferentes e 34 repetições. Tratam-se daquelas que não soubemos como classificar até o momento.

Os tipos de colocações encontrados entre os sintagmas nominais estão exemplificados em (2).

- (2) a *Sifflet à roulette* (C4-31.02)
- b *Coup de pied* (C2-15.18)

- c *Terrain vague* (C12-100.13)
- d *Espèce de guignol* (C7-62.10)
- e *Là-bas* (C16-131.05)
- f *Pas de chance* (C8-71.15)

Os exemplos em (2a) e (2b) são de colocações do tipo nominal. Tal como previsto por Tagnin (2013), a estrutura interna de ambas as colocações é N + Prep + N. A primeira, que pode ser localizada no conto 4, página 31, linha 02 é formada pela base *sifflet*<sub>A</sub> acrescida do colocado *roulette*<sub>B</sub> e tem como elemento de ligação a preposição *à*. Se traduzida literalmente, tal colocação equivale em português a *assobio à roleta*, contudo, sua tradução fraseológica equivale a *apito*. Já a segunda, localizada no conto 2, página 15, linha 18, é constituída pela base *pied*<sub>A</sub>, pelo colocado *coup*<sub>B</sub> e pela preposição *de*, que assume a função de elemento de ligação. Se traduzida literalmente, sua equivalência em português é *golpe de pé*. Porém, em tradução fraseológica, essa colocação equivale a *chute/pontapé*.

A lexia *coup* é, em língua francesa, comumente empregada para, em conjunto com outras lexias, formar estruturas que, em língua portuguesa, são construídas de forma monolexical, em geral a partir do uso do sufixo *-ad* + VT *-a*. O Quadro 1 exemplifica a questão.

Quadro 1: Exemplificação do uso da lexia *coup* em francês e do sufixo *-ad* + VT *-a* em português

Francês	Português
<i>Coup de pied</i> (C18-147.34)	Chute/pontapé
<i>Coup de poing</i> (C4-34.12)	Murro/soco
<i>Coup de paupières</i> (C10-86.12)	Piscada
<i>Coup de hache</i> (C2-20.14)	Machadada
<i>Coup de marteau</i> (C6-53.21)	Martelada
<i>Coup de revolver</i> (C2-20.11)	Coronhada

Fonte: elaborado pelos autores.

---

No Quadro 1, notamos que não há, em português, uma equivalência fraseológica direta entre entidades lexicais do francês formadas pela lexia *coup*. A colocação *coup de pied*, já discutida nos parágrafos anteriores, foge à regra da formação pelo sufixo *-ad* + VT *-a*. O mesmo acontece com a colocação *coup de poing*, literalmente *golpe de punho*, que é traduzida como *murro* ou *soco*. Porém, no que se refere à *coup de pied*, sabemos que, em determinados dialetos do português brasileiro, a variante “*pezada*” coexiste com as formas canônicas *chute* ou *pontapé*.

A produção de colocações nominais a partir da lexia *coup* é comumente empregada com partes do corpo. Além dos exemplos com *pied* e *poing*, destacamos também a ocorrência de *coup de paupières*, *golpe de pálpebras*, com o sentido de *piscada*. Todos os três casos estão registrados no *corpus* em análise, passíveis de serem localizadas pela referência da página e linha entre parênteses ao lado do exemplo. No entanto, conhecemos outras formas de ocorrência desse fenômeno que não foram encontradas no *corpus* de análise, mas que são frequentes na língua francesa, tais como *coup de tête* (golpe de cabeça – cabeçada), *coup de main* (golpe de mão – mãozinha, no sentido de ajuda), *coup d’œil* (golpe de olho – olhada rápida/olhadinha), *coup de cœur* (golpe de coração – favorito).

Outra forma comum de emprego da lexia *coup* é em associação ao objeto que se utiliza para dar o golpe. Esse é o caso das colocações nominais *coup de hache* (golpe de machado – machadada), *coup de marteau* (golpe de martelo – martelada), *coup de sifflet* (golpe de assobio – apitada) e *coup de revolver* (golpe de revolver – coronhada), todas registradas a partir da leitura no primeiro volume do *Le Petit Nicolas*. A língua francesa apresenta outras construções semelhantes. É esse o caso, por exemplo, de *coup de couteau* (golpe de faca – facada) e *coup de fil* (golpe de fio, empregado metaforicamente como ligação telefônica).

Entretanto, registramos entre as colocações nominais o fraseologismo *coup d’envoi* que é a única, dentre as documentadas no *Le Petit Nicolas* (volume 1), que encontra em língua portuguesa uma equivalência fraseológica. O *golpe de envio*,

---

em tradução literal, corresponde ao lance inicial da bola em uma partida de futebol, por exemplo. Sua equivalente fraseológica em português é *pontapé inicial*. De igual forma, outras colocações do francês construídas com a lexia *coup* também tem equivalência fraseológica em português. São elas: *coup d'état* (golpe de estado) e *coup de foudre* (golpe de relâmpago – paixão à primeira vista).

Os exemplos em (2c) e (2d) correspondem a colocações adjetivas. A primeira, localizada no conto 12, página 100, linha 13, é composta pela base *terrain<sub>A</sub>*, equivalente a *terreno* em português, pelo colocado *vague<sub>B</sub>*, traduzido como *vazio*, e encontra equivalência fraseológica em português como *terreno baldio*. A segunda colocação *espèce de guignol, espèce de marionete*, se traduzido literalmente, localizada no conto 7, página 62, linha 10, é considerada como adjetiva porque a lexia *guignol* é, em língua francesa, comumente empregada como um insulto para designar uma pessoa ridícula, imbecil (LAROUSSE DICTIONNAIRES, 2015, p. 381) e, portanto, trata-se de um adjetivo. Tal colocação é formada pela base *guignol<sub>A</sub>*, seguida do colocado *espèce<sub>B</sub>*, e tem como elemento de ligação a preposição *de*, assumindo a estrutura interna N + Prep. + Adj. Nesse caso, o insulto *guignol* tem seu valor semântico pragmático agravado por intermédio da lexia *espèce*.

Em língua francesa, há uma série de lexias que funcionam como intensificadoras de xingamentos e que, por convencionalidade, são capazes de ampliar a ofensa implícita ao insulto proferido. Os intensificadores de xingamentos mais comuns do francês são *espèce, sale* e *vilain*. Em (3), encontram-se exemplos do uso desses intensificadores.

- (3) a *Espèce de guignol* (C7-61.18);  
b *Sale menteur* (C11-92.14);  
c *Vilain cafard* (C18-146.13).

---

Os exemplos em (3), extraídos da obra *Le Petit Nicolas* (volume 1), exibem a utilização dos intensificadores de xingamentos. O primeiro, em (3a), já apresentado, é o mais frequente, com 8 aparições, sendo 7 em correspondência com o colocado *guignol* e 1 com o colocado *ours* (urso). A lexia *ours* não é, normalmente, empregada como xingamento em francês. Porém, seu uso em contexto, dentro do conto, acrescido do emprego do intensificador *espèce*, nos leva à interpretação de que se trata de um insulto.

A colocação adjetiva *Sale menteur*, em (3b), é formada pela base *menteur*<sub>A</sub>, equivalente a *mentiroso*, e, nesse caso, pelo colocado intensificador *sale*, isto é, *sujo*. Ao longo dos contos, o intensificador *sale* é usado 7 vezes por Nicolas e seus amigos em 3 ocorrências distintas: *sale menteur*, com 4 aparições, *sale chouchou*, com 2 registros, e *sale mioche*, proferido 1 vez. As lexias *chouchou*, comumente empregada como vocativo carinhoso entre namorados ou para se dirigir a crianças, e *mioche*, equivalente a *criança pequena* em um nível de linguagem familiar, não são consideradas oficialmente como xingamentos. Porém, sua utilização acompanhada do intensificador *sale* as caracteriza automaticamente como tal.

O mesmo acontece com o intensificador *vilain*, em (3c), empregado, aqui, com a base *cafard*. Há várias possibilidades de tradução em português para a lexia *vilain*. As mais usuais são *feio* e *desagradável*. Quanto a lexia *cafard*, essa corresponde a *barata*. Desse modo, ao ser associado a *cafard*, substantivo comum originalmente sem nenhum valor depreciativo, o intensificador *vilain* atribui valor injurioso à colocação como um todo, que obtém o significado, também fraseológico no português brasileiro, de *dedo duro*. Esse fraseologismo ocorre 4 vezes em todo o volume 1. Registramos também uma outra ocorrência do intensificador *vilain*, acompanhado da base *loup* (lobo), com o sentido de *lobo mau*.

---

Assim, observamos que os colocados *espèce*, *sale* e *vilain* são selecionados, a partir da convencionalidade semântica e pragmática, por qualquer lexia em posição de base à qual o locutor queira dar valor insultuoso.

Por fim, a exemplo das colocações adverbiais, apresentamos as construções *là-bas*, em (2e), e *pas de chance*, em (2f). A primeira, localizada no conto 16, página 131, linha 05 é constituída pelo advérbio de lugar *là* que assume a função de base e seleciona o colocado *bas*, igualmente em função de advérbio. Ambos os advérbios são convencionalmente empregados em conjunto, criando uma locução adverbial. Pela nossa experiência, percebemos que essa convenção fraseológica é, entre os leitores brasileiros de francês, difícil de ser compreendida, visto que o elemento básico da colocação, a lexia *là*, pode ser um falso cognato em português.

No uso contemporâneo, o advérbio de lugar *là* é comumente empregado em substituição ao também advérbio de lugar *ici* (aqui), de forma que um e outro podem ser considerados como sinônimos. Assim, de modo a evitar a ambiguidade, a colocação adverbial *là-bas* é criada para fazer oposição ao sentido de *là* ou *ici*, isto é, quando se trata de um lugar mais distante daquele em que o locutor se encontra. Em termos de tradução, essa colocação equivale a *lá embaixo* ou simplesmente *lá*, em português. Outra forma de emprego da colocação adverbial *là-bas* é com o sentido de algo ou alguém que esteja fisicamente a um nível mais baixo, em oposição à colocação adverbial *là-haut* (lá alto – lá em cima).

Um segundo exemplo de colocação adverbial, em (2f), trata da colocação *pas de chance*, localizada no conto 8, página 71, linha 15. Formada pela base *chance<sub>A</sub>*, seguida do colocado *pas<sub>B</sub>*, tendo como elemento de ligação a preposição *de*. Dessa forma, a estrutura interna é Adv. + Prep. + N. A negação em língua francesa é estruturada por duas partículas negativas, os advérbios de negação *ne* e *pas*, podendo ambos serem traduzidos para o português como *não*. Em termos fraseológicos, a lexia *pas*, regida pela preposição *de*, sempre seleciona um nome

---

para construir a negação. Esse é o caso do presente fraseologismo: a lexia *chance* (sorte), quando seleciona o colocado *pas de*, é compreendida com o sentido de *sem sorte* ou *de forma alguma*.

Outra possibilidade de compreensão/tradução para esse fraseologismo é levada a partir da lexia *chance*, falso cognato da lexia *chance* (ocasião) em português. Sendo o *pas* um advérbio de negação, poderíamos traduzir o fraseologismo *pas de chance* por *sem chance*, no sentido de *sem possibilidade*. Exemplo: *sem chance disso acontecer*. Ainda assim, a negação do nome, a partir da colocação adverbial *pas de + N*, torna-se problemática para um leitor brasileiro porque não há, em português, construção semelhante.

Para além dos exemplos de colocações aqui apresentados, há em língua francesa outra forma de construção fraseológica que, a nosso ver, aparenta enquadrar-se na categoria colocação. São aquelas rotuladas como *demais casos*. Trata-se da convenção que gira em torno da lexia *tout* (tudo ou todo, em português), em sua forma neutra, ou seja, masculino singular, ou em suas formas flexionadas: *tous* (masculino plural), *toute* (feminino singular), *toutes* (feminino plural). Vejamos alguns exemplos em (4).

- (4) a *Tout le monde* (C2-18.06)
- b *Tout le temps* (C6-50.05)
- c *Tout seul* (C9-76.22)
- d *Tout content* (C8-68.01)
- e *Tout bas* (C9-76.20)
- f *Tout simplement* (C8-70.26)

Os exemplos em (4) mostram a utilização da lexia *tout* na concepção de fraseologismos. A nosso ver, *tout* assume o papel de colocado e pode ser selecionado por lexias de diversas classes gramaticais em posição de base, com

---

uso de elementos de ligação ou não: *tout* + Det. + N, como em (4a) e (4b); *tout* + Adj., como em (4c) e (4d); *tout* + Adv., como em (4e) e (4f).

As colocações em (4a) e (4b) têm como base os nomes *monde* (mundo) e *temps* (tempo). Aqui, se compreendidas como unidades semanticamente composicionais, ambos os exemplos fazem sentido em português, isto é, *todo o mundo* e *todo o tempo*. Entretanto, o contexto de uso das expressões nos diz que o sentido empregado em francês difere do português. A primeira não diz respeito a *todo o planeta*, mas sim a todas as pessoas de um determinado grupo. Em português, para se obter o mesmo sentido opaco, é necessário suprimir o determinante. Desse modo *todo o mundo* é igual a *todo o planeta*, ao passo que *todo mundo* corresponde a um grupo de pessoas. O mesmo acontece com a segunda colocação nominal, *tout le temps*. Em francês, *todo o tempo* não se refere a todo o período de um tempo corrido, mas sim a frequência de algo que é constantemente repetido: *toda hora* ou *o tempo todo*, em português.

As possíveis colocações em (4c) e (4d) têm como bases os adjetivos *seul* (só) e *content* (contente). Nesse caso, o colocado *tout* atua como uma espécie de intensificador que eleva o valor adjetivo da base que o seleciona. A definição da estrutura interna dos fraseologismos formados por *tout* foram aquelas que demandaram maior esforço analítico de nossa parte, visto que tal lexia pode assumir diversas posições sintáticas dentro da frase (ROBERT, 2017), não estando claro se seu uso é expletivo, sem valor semântico, ou de intensificador, como suspeitamos.

Por outro lado, ao observarmos como tal fenômeno acontece em português, percebemos que há duas possibilidades de equivalência: por intermédio do emprego do diminutivo (só – sozinho; bom - bonzinho) ou pelo uso do advérbio *bem* (contente – bem contente; triste – bem triste). Assim, concluímos que, por analogia, a lexia *tout* também pode ocorrer nas posições

---

sintáticas em que ocorre o advérbio dentro do fraseologismo, sendo, portanto, uma colocação adverbial.

O mesmo acontece, por fim, com os fraseologismos em (4e) e (4f). Nesse caso, tais lexias que compõem as possíveis colocações, isto é, *bas* e *simplement*, respectivamente, são advérbios. Desse modo, não há dúvidas de que se tratam de colocações adverbiais. Entretanto, nem uma nem outra encontram equivalência fraseológica direta em língua portuguesa, visto que não podem ser traduzidas por outro fraseologismo. A primeira é traduzida em português a partir do diminutivo: baixo – baixinho. Quanto a tradução da segunda, não há meios para se preservar o caráter intensificador de *tout*, uma vez que, em português, o advérbio *simplesmente* não se apresenta na forma diminutiva, assim como a criação da colocação *\*bem simplesmente* não é convencional e, portanto, passível de ser considerada como agramatical.

## RESUMO DA ÓPERA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, trouxemos ao debate os primeiros resultados obtidos a partir da aplicação da metodologia desenvolvida para identificar, catalogar, classificar e analisar o material fraseológico presente nos contos da série infanto-juvenil *Le Petit Nicolas*, escrita de 1960 a 1964 por René Goscinny e ilustrada por Jean-Jacques Sempé. As histórias, publicadas em periódicos de língua francesa, foram, posteriormente, editoradas em cinco livros. Atualmente, são recomendadas como leitura paradidática nas aulas de francês língua materna e estrangeira (CHATENET, 2019). Para compor o *corpus* deste trabalho, foram feitos três recortes: a) elegemos apenas o primeiro livro da coletânea como objeto de investigação; b) delimitamos o foco de análise aos dados fraseológicos formados por sintagmas nominais; c) restringimos a análise aos fraseologismos do tipo colocação.

---

Os primeiros resultados mostraram que dos fraseologismos apreendidos do livro 1 formados por sintagmas nominais 72% são constituídos de fraseologismos do tipo colocação. Entre as colocações, 45% correspondem a colocações nominais, 41% são de colocações adjetivas, 9% de colocações adverbiais e 5% de casos que não sabemos como classificar, cabendo uma análise mais aprofundada em trabalhos futuros. Como esperado, não houve registros de colocações verbais, visto que neste artigo tratamos apenas dos sintagmas nominais.

No que concerne à estrutura interna das colocações, observamos que aquela que apresentou maior recorrência na obra é composta por três constituintes, isto é, N + Prep. + N, e que essa também é uma ordem sintática comum entre as colocações de língua portuguesa (TAGNIN, 2013). A nosso ver, esse não é um critério que acarrete em uma interpretação deficitária de tais fraseologismos do francês por leitores brasileiros. Dessa forma, acreditamos que problemas de ordem semântica estejam envolvidos e, portanto, carecem de investigação.

Por fim, ao analisar os fraseologismos que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, observamos que, em nível formativo, as colocações de língua francesa apresentam, por vezes, uma não equivalência fraseológica com relação ao português brasileiro. Isto é, a construção fraseológica do francês não corresponde diretamente, no que se refere à possibilidade de tradução, a uma equivalência igualmente fraseológica em português brasileiro. Em outras palavras, um fraseologismo de língua francesa pode corresponder a uma lexia simples ou a um fraseologismo em língua portuguesa, ou vice-versa. Acreditamos que tal fenômeno também possa dificultar a compreensão dos fraseologismos em francês por leitores brasileiros. Um estudo aprofundado, com investigações empíricas, se faz, no entanto, necessário. É, portanto, por essa razão que o guia

---

de leitura, objetivo final da pesquisa, se faz necessário, de modo a facilitar a compreensão da leitura.

## REFERÊNCIAS

CAPELLE, Guy; MENAND, Robert. **Le nouveau taxi ! 2. Méthode de français**. Paris: Hachette Livre, 2009.

CHATENET, Aymar du; et al. **Le Dictionnaire Goscinny**. Paris: J-C Lattès, 2003.

CHATENET, Aymar du. **Le Petit Nicolas, Site officiel**. 2019. Disponível em: <http://www.petitnicolas.com/>. Acesso em: 05 out. 2019.

GAUTIER, Antoine; SIOUFFI, Gilles. Introduction. **Travaux de linguistique**, v. 73, nº 2, p. 7-25, 2016.

GONZÁLEZ-REY, María Izabel. **La phraséologie du français**. Toulouse: Presses Universitaires du Midi, 2015.

GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **Le Petit Nicolas**. Paris: Denoël, 1960.

\_\_\_\_\_. **Les récrés du Petit Nicolas**. Paris: Denoël, 1961.

\_\_\_\_\_. **Les vacances du Petit Nicolas**. Paris: Denoël, 1962.

\_\_\_\_\_. **Le Petit Nicolas et les copains**. Paris: Denoël, 1963.

\_\_\_\_\_. **Le Petit Nicolas a des ennuis**. Paris: Denoël, 1964.

LAROUSSE DICTIONNAIRES. **Le dictionnaire Larousse de Poche**. Paris: Éditions Larousse, 2015.

MEJRI, Salah. Phraséologie et traduction. Pour une typologie des phraséologismes dans les discours spécialisés. In: MOGORRÓN, Pedro; MEJRI, Salah (dirs.). **Rencontres Méditerranéennes: Langues spécialisées, figement et traduction**. Alicante: Quinta Impresión, 2012.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e Semântica Lexical: noções fundamentais**. São Paula: Contexto, 2018.

POTTIER, Bernard. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris: Klincksieck, 1974.

ROBERT, Paul. **Le Nouveau Petit Robert: Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française**. Paris: Le Robert, 2017.

SAMPAIO, Angelo; RIBEIRO, Silvana. Unidades fraseológicas em textos autênticos em francês: o exemplo dos contos infanto-juvenis. **A Cor das Letras (digital)**, volume 20, nº 1, p. 54-70, 2019.

SOUTET, Olivier; MEJRI, Salah; SFAR, Inès. **La Phraséologie: Théories et applications**. Paris: Honoré Champion, 2018.

---

TAGNIN, Stella. **O jeito que a gente diz: expressões idiomáticas e convencionais – inglês e português**. São Paulo: Disal, 2013.

## OS AUTORES E O PPGLinC

### **Angelo de Souza Sampaio**

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA - 2017). Foi aprovado em concurso público para cargo de docência do magistério superior na UFBA em 2016, fruto, entre outros fatores, da formação recebida pelo PPGLinC. É graduado em Letras com Língua Francesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2012) com intercâmbio cultural/acadêmico na *Université Rennes II*, França (2011). Atualmente é doutorando pelo PPGLinC/UFBA e desenvolve pesquisas na área das ciências do léxico com ênfase em Fraseologia. Realizou Doutorado Sanduíche na *Université Sorbonne Paris Nord*, França (2020), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

### **Silvana Soares Costa Ribeiro**

Doutora em Linguística Histórica (2012) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) e Mestre em Linguística (1998) pelo Mestrado em Letras e Linguística, ambos na Universidade Federal da Bahia – UFBA. É Professor Associado IV da UFBA, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, PPGLinC desde 2016. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nas seguintes áreas: diversidade linguística, dialetologia, geolinguística, sociolinguística, norma urbana culta, fraseologia e toponímia. Participa do Projeto de pesquisa Atlas Linguístico do Brasil como pesquisador, entrevistador e coordenador da Comissão de Informatização e Cartografia. É diretora executiva do Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 16 de setembro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 26 de fevereiro de 2021.